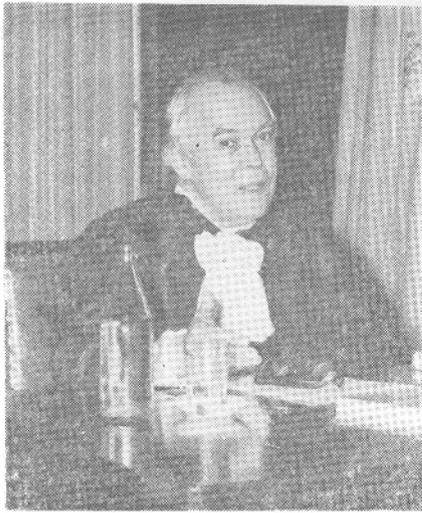


Pequeno Comentário sobre um Grande Homem

No momento em que surgiu a preocupação com a escolha de um patrono para nossa turma, tornou-se clara a necessidade de fazer dessa escolha uma homenagem a alguém que por seu trabalho e por sua vida, valoriza-se de forma inequívoca o significado da vida humana em sua totalidade. A escolha não foi difícil. Desde logo surgiu como resposta a essa preocupação o nome de nosso "pai profissional":

o professor dr. ANTONIO FREDERICO BRANCO LEFÈVRE.



Nascido em 6 de outubro de 1916, na cidade de São Paulo, o pequeno "Antoninho", quinto dos 7 filhos de Eugênio Lefèvre Junior e Ana Branco Lefèvre, se orgulhava de ser bisneto de um livreiro belga, que fora perseguido e preso numa estação ferroviária de Bruxelas, por estar com livros considerados subversivos em sua mala, a saber, "Napoléon le Petit", de Vitor Hugo. Isto era lembrado com gosto pelo professor, que via nisto uma herança importante: a curiosidade pelos livros, pelas idéias e pela política.

Sempre curioso e atento ao momento político, assistia da janela à revolução de 1924, apesar das tentativas da mãe, que não conseguia arrancar o garoto deste auditório improvisado durante os tiroteios e correrias em plena rua Augusta, onde moravam.

Em 1933 terminou o curso ginasial no Colégio São Luiz, de onde "o brilhante aluno tirou como maiores ensinamentos uma curiosidade pela verdade científica, o desprezo pelos dogmas e a desconfiança irônica da "caridade cristã" daqueles que gravitavam em torno dos poderosos", segundo seu filho Antonio Silvio Lefèvre.

Ingressou na Faculdade de Medicina em 1936 e desde 1939, passou a frequentar a Clínica Neurológica como estudante adido, uma opção que, segundo ele mesmo, "poderia parecer precipitada do então quartoanista de medicina, que mostrou posteriormente, corresponder a uma vocação precocemente definida, uma vez que nunca mais me afastei desta clínica, onde recebi toda minha formação de especialista."

Formado em 1941, foi o orador de sua turma na Faculdade de Medicina, onde defendia que "o médico deve viver no seio dos homens, compartilhando de suas angústias e, em vez de se por à margem dos conflitos sociais e políticos, precisa viver nela mergulhado".

Terminada a graduação, continuou no Serviço de Neurologia da Santa Casa, local onde se faziam os estágios hospitalares da Faculdade de Medicina, antes do Hospital das Clínicas ser inaugurado.

Foi para o Rio de Janeiro em 1944, onde assistiu ao curso de Psicologia do Professor André Ombredane, na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil. Tendo feito em um ano a 1.ª, 2.ª e 3.ª séries do curso de psicologia, aprovado com distinção nas três séries, acompanhava o professor Ombredane em trabalhos práticos de psicologia nos grupos escolares da prefeitura do Rio de Janeiro, bem como no estudo de distúrbios de linguagem da palavra escrita e falada no Instituto Nacional de Surdos-Mudos, mostrando uma incrível capacidade de trabalho. Seu interesse pela Neuropediatria, levou-o a fazer o curso sobre neurologia infantil, ministrado pelo professor Ary Borges Fortes, da cadeira de Clínica Neurológica, além de algumas aulas com este mesmo professor e com o professor Martagão Gesteira, da cadeira de Clínica Pediátrica, ambos da Faculdade Nacional de Medicina, Rio de Janeiro.

Retornando a São Paulo, foi prontamente acolhido pelo professor Adherbal Tolosa e incentivado pelo professor Oswaldo Lange, instalando no recém inaugurado Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina, a primeira enfermaria de Neurologia Infantil do país, sendo que estes foram os primeiros e decisivos passos para a criação de uma especialidade: a Neuropediatria.

Nesta época, iniciou intenso intercâmbio com a cadeira de Clínica Pediátrica do professor Pedro de Alcântara, a quem muito admirava, e com a Clínica Obstétrica do professor Raul Briquet.

Foi justamente neste período que o professor Lefèvre desenvolveu duas

teses, entre agosto e outubro de 1950: sua tese de doutoramento — "Contribuição para o estudo da Afasia em crianças" — e sua tese de Livre-docência — "Contribuição para a padronização do exame neurológico do recém-nascido normal".

Tal capacidade de produção científica o acompanhou até o final de seus dias, sendo impressionante sua dedicação e principalmente a boa vontade com que dividia seus conhecimentos, seja com os alunos, seja com os assistentes e professores mais graduados.

Mas não foi apenas o lado científico que marcou a presença do professor Lefèvre entre nós. Assim nos diz o professor Eduardo Marcondes: "Sem nunca esconder os seus ideais socialistas, Lefèvre conseguiu reunir à sua volta pessoas das mais variadas correntes políticas e culturais, graças ao seu espírito aberto, sua capacidade de compreender, sua cultura literária e musical, características essas que o tornavam um homem cativante".

Intellectual brilhante da "geração Clima", como Antonio Candido gosta de chamar, o professor Lefèvre era crítico de música da revista "Clima", que reunia nomes como o de Lourival Gomes Machado (artes plásticas), Paulo Emílio Salles Gomes (cinema), Rui Coelho (filosofia), Décio Almeida Prado (teatro), Roberto Pinto de Souza (economia), Alfredo Mesquita (teatro), Antonio Cândido (literatura), Marcelo Damy de Souza Santos (ciências).

Ao lado disso, o professor Lefèvre era ardente defensor da justiça social, o que lhe custou muitos aborrecimentos junto às autoridades. Certa vez, inquirido por um "capitão", explicou o que entendia por um mundo socialista: um lugar onde a educação e a saúde estavam ao alcance de todos, evitando que se precisasse atacar armazéns para não morrer de fome; um mundo onde os filhos dos colonos tivessem os mesmos direitos que os filhos de pais ricos; onde todo